

Manufactures Hannover foi o líder

O grande vencedor do leilão de ontem foi o Manufactures Hannover, um dos maiores bancos norte-americanos e também um dos maiores credores do Brasil. O banco converteu US\$ 43 milhões e 400 mil na área incentivada e US\$ 17 milhões na área livre, totalizando US\$ 60 milhões a 400 mil, através da corretora Multiplic.

O montante das duas conversões será dirigido para o mesmo empreendimento industrial, no Sul da Bahia, do setor do papel e celulose, no valor total do US\$ 320 milhões. Também participam do projeto, em associação, a Companhia Suzano e a Vale do Rio Doce, que entra com o restante do investimento. O vice-presidente do banco, Wiener Rouzeau, que veio especialmente dos Estados Unidos para participar do leilão de ontem na Bovespa, preferiu não dar detalhes da associação, e nem quis confirmá-la: "Posso dizer apenas que se trata de um projeto industrial na área de transformação".

A prudência é explicável pelo fato de

o Banco Central ter de aprovar o projeto antes de o dinheiro da conversão ser liberado. Teoricamente, o Banco Central pode não concordar e deixar o cliente que fez a conversão sem ter onde aplicar os cruzados obtidos com a transformação da dívida em dólares. Por isso, normalmente, os que arrematam quantias no leilão preferem não declinar, antes de obter a aprovação do Banco Central, o nome dos projetos nos quais colocarão o dinheiro.

É a primeira vez que o Manufactures participa do processo de leilão no Brasil, embora já tenha participado no México e na Argentina. Segundo Rouzeau, o banco não entrou nos leilões anteriores "porque o deságio estava alto demais". Com a queda do deságio no leilão do Rio, ocorrido no final do mês passado, o banco tomou a decisão de participar.

O Vice-presidente explicou que tinha a expectativa de que o deságio na área livre se aproximasse dos 20%, ficando abaixo disso na área incentivada. Para ele, a conversão de US\$ 60 milhões e 400

mil para um projeto da área industrial, que foge completamente às tradições do banco — no Brasil a Manufactures atua apenas na área de *leasing* — se deve a uma diretriz de "diversificar o portfolio".

Causou surpresa o fato de o Manufactures não ter esperado a regulamentação do projeto de conversão sem deságio, quando se trata dos próprios credores, para transformar sua dívida em investimentos. Esse projeto encontra-se em estudos no Banco Central, e faz parte do acordo da dívida externa assinado, pelo ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, com os credores do País. "Não esperamos porque esse projeto não está assinado ainda e as coisas podem mudar de uma hora para outra, explicou ele.

O banco adquiriu o direito de converter US\$ 17 milhões na área livre. Para o Manufactures, converter US\$ 17 milhões da área livre na área incentivada representa lucros, já que na primeira o deságio foi de 13,5% e na segunda, de 16%.